



ISSN: 2230-9926

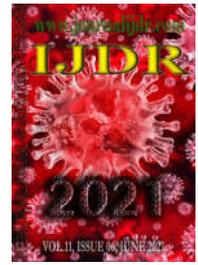
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 06, pp. 48008-48013, June, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.22121.06.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

GERAÇÃO DE RENDA COM SUSTENTABILIDADE PARA PERMANENCIA NA PROPRIEDADE RURAL FAMILIAR: UMA PROPOSTA AGROECOLÓGICA

Eliane Silva Leite*¹, Ana Carolina Marques dos Santos¹, Clodoaldo de Oliveira Freitas¹, Cleberon Eller Loose² and Marcos Tadeu Simões Piacentini²

¹Universidade Federal do Rondônia, Campus de Presidente Médici, Presidente Médici, Rondônia, Brasil

²Universidade Federal do Rondônia, Campus Professor Francisco Gonçalves Quiles, Cacoal, Rondônia, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 03rd March, 2021

Received in revised form

06th April, 2021

Accepted 18th May, 2021

Published online 30th June, 2021

Key Words:

Desenvolvimento Sustentável.
Jovem.Cursos. Produção. Renda.

ABSTRACT

A sustentabilidade da propriedade é de fundamental importância para geração de renda, sendo fator imprescindível à continuidade da atividade produtiva e da permanência dele, e das descendências futuras, no meio rural. Logo, na intenção de contribuir com o homem e a mulher do campo, possibilitando a continuidade do mesmo na zona rural com geração de renda, foi desenvolvido um projeto com jovens agricultores e agricultoras familiares, de 15 a 29 anos, oriundos de assentamentos rurais do estado de Rondônia, Brasil. A metodologia aplicada foi baseada na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão harmonizando os instrumentos de análise de dados secundários, entrevistas semiestruturadas, questionários e capacitações ou cursos, mensais, em regime de alternância. O projeto trouxe a proposta de fortalecer a identidade da juventude rural, oferecendo capacitação teórica e prática aos jovens para promoção do desenvolvimento agrário sustentável. É essencial que a busca da sustentabilidade seja estabelecida mediante estratégias de transição agroecológica, visto que a agroecologia estima a vida humana e as demais formas de vida. Dessa forma, os participantes receberam capacitações sobre agroecologia, agricultura familiar, gestão de propriedades, metodologias participativas, tecnologias socioambientais, segurança/ soberania alimentar e orientações para implantar ou melhorar um projeto produtivo que trouxesse renda com sustentabilidade para ele e sua família. A implantação do projeto produtivo com foco agroecológico possibilitou vários benefícios, dentre eles o acesso a mercados institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, assim como, outros mercados privados. O projeto empenhou-se em levar alternativas aos jovens, a terem mecanismos para permanecer no campo, capacitando-os para uma boa gestão de suas unidades produtivas buscando o diálogo com o núcleo familiar, bem como para produção por meio dos princípios agroecológicos, evitando deste modo o êxodo rural. Considera-se que tudo impactou de forma favorável, onde os participantes passaram a enxergar o campo com um olhar mais valoroso e crítico o que proporcionou avistar o lugar deles na propriedade e a sua importância para a geração de renda e sustentabilidade do ambiente.

*Corresponding author:

Eliane Silva Leite

Copyright © 2021, Pamela Tainá Licoviski et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Eliane Silva Leite, Ana Carolina Marques dos Santos, Clodoaldo de Oliveira Freitas, Cleberon Eller Loose and Marcos Tadeu Simões Piacentini. 2021. "Geração de renda com sustentabilidade para permanencia na propriedade rural familiar: uma proposta agroecológica", *International Journal of Development Research*, 11, (06), 48008-48013.

INTRODUCTION

A propriedade rural familiar é caracterizada por sistemas de produção totalmente complexos, com diversas combinações culturais, criações de animais e transformações primárias. As complexidades do sistema de produção também afetam o desempenho de uma propriedade familiar, entre elas destacam-se o acesso a insumos, serviços, disponibilização de assistência técnica e planejamento, devendo estes serem definidos como um processo sistemático, sustentável e consciente, tomando decisões sobre cada pessoa na propriedade onde se busca a renda.

A princípio, o produtor familiar deve determinar claramente quais são seus objetivos com a atividade produtiva. A segunda parte é estabelecer a comercialização da produção como principal propósito, sendo este um ponto importante a ser considerado para o produtor incluir sua propriedade como um empreendimento que precisa apresentar resultados para cumprir os compromissos assumidos (LOURENZANI, 2009). No planejamento tático é o produtor quem toma as decisões para cada uma das atividades, tanto as relacionadas às técnicas de produção, quanto no planejamento operacional. É ele quem define cada uma das tarefas a serem realizadas, o cronograma de execução de cada uma, o material necessário, além de ser o

responsável pela execução, pois uma boa gestão é imprescindível para geração de renda (BRÜSEKE, 2009). Este agricultor, ainda, pode trabalhar de forma convencional ou atuar em um sistema de produção orgânico ou agroecológico. No entanto, o sistema de produção convencional não consegue estabelecer uma sustentabilidade do ponto de vista social, ecológico e econômico (MARIANI; HENKES, 2015). Visto que, o conceito de sustentabilidade está mais presente na vida das pessoas, isto tem gerado certo consenso acerca da necessidade de se propor maiores ajustes na agricultura convencional, de modo a torná-la mais viável e compatível sob o ponto de vista ambiental, social e econômico (GLIESSMAN, 2009). Sendo assim, os agricultores passaram a considerar métodos alternativos para emprego na agricultura, o que engloba a agroecologia. Desta forma, espelhados nos princípios agroecológicos, vários sistemas foram criados. Trata-se dos chamados sistemas alternativos de produção de base agroecológica. "Esses sistemas podem ser classificados como agricultura biodinâmica, agricultura biológica, agricultura natural, agricultura orgânica e permacultura" (SANTOS et al., 2013, p. 1). Menciona-se em seguida a agricultura orgânica, que é um sistema alternativo de base agroecológica, pois esta foi considerada na pesquisa.

Por definição "a agricultura orgânica é um sistema geral de gestão agrícola e de produção de alimentos que combina as melhores práticas ambientais e um elevado nível de biodiversidade" (ABREU et al., 2012, p. 145). É sustentada pelos princípios de justiça, equidade, saúde e ecologia com raízes na ciência do solo (IFOAM, 2020). Esta agricultura ganhou forças como um método alternativo e mais sustentável, um método natural, tendo conservação dos organismos vivos, ou seja, uma estratégia de desenvolvimento sustentável e preservação da biodiversidade com promoção e uso de energias renováveis (BRÜSEKE, 2009). Tratando-se da agroecologia esta é uma ciência multidisciplinar que proporciona as bases científicas para a oferta de estilos de agriculturas mais sustentáveis. Ela possui como um de seus eixos centrais a necessidade de produção de alimentos em quantidades adequadas e de elevada qualidade biológica para toda a sociedade, numa perspectiva que favorece a busca da segurança alimentar e nutricional sustentável e o desenvolvimento rural.

Para Guzmán (2001, p. 11) a agroecologia é,

[...] o manejo ecológico dos recursos naturais através de formas de ação social coletiva, que representem alternativas ao atual modelo de manejo industrial dos recursos naturais, mediante propostas surgidas de seu potencial endógeno. Tais propostas pretendem um desenvolvimento participativo desde a produção até a circulação alternativa de seus produtos agrícolas, estabelecendo formas de produção e consumo que contribuam para encarar a atual crise ecológica e social.

Caporal e Costabeber (2004) definem a agroecologia como um campo de conhecimentos que, promove as bases científicas para apoiar o processo de transição do modelo convencional para estilos de agriculturas de base ecológica, assim como do modelo convencional de desenvolvimento a processos de desenvolvimento rural sustentável. Sendo assim, esta disciplina científica ou campo de conhecimentos tem como objetos "a aplicação de princípios ecológicos ao desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis" (GLIESSMAN, 1997, p. 13). Essa perspectiva compreende a agroecologia como um enfoque teórico e metodológico que, servindo-se de diversas disciplinas científicas, pretende estudar a atividade agrícola e agrária sob uma perspectiva ecológica (ALTIERI, 2008; SCHMITT, 2013). Portanto, a agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo de progresso e de agricultura como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar (CAPORAL, 2013). Gliessman (2000) ainda coloca que a agroecologia se trata de uma orientação cujas contribuições vão mais além de aspectos meramente tecnológicos ou

agronômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas que aquelas das ciências agrárias puras, pois incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade. Machado (2013) também se posiciona neste sentido, pois diz que agroecologia não é apenas uma técnica de produção, pois se essa técnica não for acompanhada implicitamente das dimensões social, política, econômica, administrativa, energética, ambiental e cultural, será uma técnica convencional, sem o componente dinâmico que o diálogo incorpora ao processo. O autor diz ainda que a agroecologia é capaz de não só confrontar-se com o agronegócio, mas de recompor o ambiente, produzir alimentos limpos para a humanidade e promover cidadania, especialmente aos pequenos produtores. Para alguns a agroecologia é muito mais do que uma forma de gestão dos recursos naturais, configurando como um novo modo de vida rural, capaz de conjugar valores, qualidade de vida, trabalho, renda, democracia em um mesmo processo (PADUA, 2001; SCHMITT, 2013).

Karam (2004) identificou a mulher trabalhadora rural, com origem nas propriedades tradicionais, como a responsável pelo início da conversão do chamado sistema de produção convencional para o agroecológico. Elas cultivam os alimentos para a família e comercializam o excedente, mostrando aos companheiros a viabilidade e rentabilidade de um cultivo menos agressivo ao meio ambiente. Garantir a participação das mulheres, dos jovens e de toda a família na produção e na composição de renda é o princípio da agroecologia. Conforme Molina (2013) os componentes básicos da estratégia de desenvolvimento sustentável são solucionar a pobreza e as crises ambientais e para isto tem-se que elevar a renda dos agricultores, principalmente nos países pobres, e eliminar os danos ambientais que reduzem a capacidade produtiva dos ecossistemas. Ele também discute que faltam propostas de apoio aos agricultores que produzem de maneira sustentável e se existem tais propostas que elas sejam divulgadas para que os interessados possam acessá-las. Destaca-se que, atualmente, o agricultor familiar tem procurado seguir o modelo sustentável, dedicando-se cada vez mais a gestão de seu negócio, buscando alternativas de produção mais equilibrada, como por exemplo, a agricultura orgânica. Estes direcionamentos, ou adequações, apontam para o tipo de desenvolvimento necessário ao mundo presente, sem comprometer a capacidade de produção para as gerações futuras, logo trazem perspectivas para um bom rendimento econômico, além de possibilitar aos agricultores permanecerem na propriedade familiar. Nesta perspectiva é que se inserem os participantes da presente pesquisa.

Segundo Navarro (2016) o modelo de agricultura orgânica, embora com grande potencial, ainda é marginal face ao ideário da agricultura moderna que tem a narrativa orientadora de produzir homogeneidade. Por outro lado o interessante é a heterogeneidade, pois a homogeneidade tende à morte, ao passo que a heterogeneidade é o estado dinâmico vital e leva à vida. Desta forma a biodiversidade é a forma de assegurar o indispensável estado dinâmico da heterogeneidade na natureza (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014). Na biodiversidade encontra-se um processo básico para a vida no planeta e que produz sustentabilidade. A espécie humana necessita usar alguns bens naturais para sua sobrevivência, sendo alguns renováveis, outros não. Estes bens pertencem à natureza e à humanidade, se estes bens forem usados com racionalidade é possível ter uma natureza sustentável, caso não preservá-los as formas de vida do planeta poderão acabar. Segundo Machado e Machado Filho (2014) o agronegócio agride o meio ambiente, conspira contra a biodiversidade, gera uma perversa concentração de renda e de terra e marginaliza o campo. Por outro lado a agroecologia dispõe de conhecimentos para superar a monocultura e a quebra da biodiversidade, consequências inexoráveis do agronegócio. "As monoculturas são inaceitáveis por várias razões que, além da monotonia da paisagem, promovem a destruição da biodiversidade, que é sua principal consequência" (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, p. 160).

A agroecologia valoriza a vida humana e todas as formas de vida. É por isso que a biodiversidade é sua condição intrínseca. E é também

devido a este fato que as monoculturas são inaceitáveis, porque destroem as cadeias naturais que dão sustentação à própria vida e, o que é muito importante, quando o processo produtivo respeita a biodiversidade, as produções são melhores, maiores, mais limpas e mais duradouras. Chega-se à verdadeira sustentabilidade (MACHADO, 2013). O conceito de sustentabilidade surge como um limite ao desenvolvimento, no contexto da consciência da fragilidade ambiental, questionando desta forma a racionalidade do crescimento econômico (TRUJILLO-ORTEGA, 2013). É fundamental que a busca da sustentabilidade seja estabelecida mediante estratégias de transição agroecológica e esta não se resume, simplesmente, em realizar a substituição de insumos ou a diminuição do uso de agrotóxicos (CAPORAL, 2013). A transição para agriculturas de base ecológica requer buscar a superação de um modelo agroquímico e de monoculturas, por formas mais modernas e complexas de fazer agricultura, que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica.

O desenvolvimento sustentável, no debate teórico, através do questionamento da racionalidade econômica nos modelos de desenvolvimento, incorpora um conjunto de valores e critérios em relação ao ambiente e busca articular processos ecológicos, culturais, tecnológicos, políticos e econômicos para construir uma racionalidade ambiental que incorpora o desenvolvimento de capacidades humanas para satisfazer suas necessidades básicas, conservar as bases ecológicas, preservar os recursos naturais e culturais, gerar mecanismos de distribuição equitativa da riqueza e poder, erradicar a pobreza, fortalecer a autonomia e soberania dos pobres, dentre outros (TRUJILLO-ORTEGA, 2013; ALTIERI, 2018), o que retoma as bases da agroecologia. Como ensina Gliessman (2000), a agricultura sustentável, sob o ponto de vista agroecológico, é aquela que tendo como base uma compreensão holística dos agroecossistemas, seja capaz de atender os seguintes critérios: baixa dependência de insumos comerciais; uso de recursos renováveis localmente acessíveis; utilização dos impactos benéficos do meio ambiente local; manutenção, em longo prazo, da capacidade produtiva; preservação da diversidade biológica e cultural; incorporação do conhecimento e da cultura da população local; e produção de mercadorias para o consumo interno e para exportação, se for o caso. Em uma produção ecológica percebe-se o valor da prática na produtividade, visto que o insumo de produtos químicos diminuirá e aumentará a renda do produtor com atividades de menor custo. O agricultor pode determinar o valor de margem bruta, a receita líquida ou a taxa interna de retorno do sistema de produção vigente possibilitando a ele decidir sobre a conveniência de adotar o método ecológico (LOURENZANI, 2009). Além de preservar o meio ambiente e verificar as vantagens para saúde dos homens e dos animais. Ademais, no meio de produção familiar e suas práticas harmoniosas são essenciais para um bom rendimento produtivo e comunicativo entre os membros estabelecidos no meio de produção, por exemplo, a comunicação entre pais e filhos, a distribuição de atividades, uma boa administração, novas ideias para um bom rendimento na produção, dentre outros. Baseado nas discussões anteriores foi elaborado um projeto para ser realizado com jovens agricultores e agricultoras familiares com o objetivo de fomentar a formação agroecológica e cidadã para fortalecer a inclusão social e produtiva desses jovens, tendo em vista a organização produtiva e o acesso a mercados, a valorização do espaço rural, o fortalecimento da agricultura familiar e à promoção do desenvolvimento rural em Rondônia. O projeto também visou capacitar os jovens para a gestão administrativa das propriedades, bem como da produção na perspectiva da diversificação, da construção de conhecimentos agroecológicos por meio de promoção dos sistemas orgânicos de produção sustentável e de base agroecológica e de práticas relacionadas à agroecologia, incentivando assim a permanência do jovem no seu território.

METODOLOGIA

O ingresso no projeto Agroecológico e Cidadão da Juventude dos Assentamentos na Amazônia, executado pela Universidade Federal

de Rondônia (UNIR) em parceria com a Federação de Trabalhadores na Agricultura de Rondônia (FETAGRO), se deu por meio de seleção do público alvo, a partir dos seguintes critérios: Ter entre 16 e 29 anos de idade, possuir ensino médio completo ou estar cursando, ser preferencialmente assentado ou filho de assentado, e entrevista para saber se o jovem tinha algum conhecimento sobre agroecologia e qual a expectativa dele ao participar do projeto. Desta forma, foram selecionados 35 jovens agricultores familiares oriundos de assentamentos rurais dos municípios de Presidente Médici e Nova Brasilândia do Oeste, estado de Rondônia. O projeto aconteceu por meio da metodologia de pesquisa-ação participativa e atuou na educação de jovens de forma compartilhada com a execução de contrato de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) para agroecologia, sendo desenvolvido em sistema de alternância com ações práticas de manejo sustentável nas unidades familiares dos assentados. De acordo com Thiollent (2018, p.14),

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Esta metodologia teve abordagem qualitativa, onde conforme Minayo (2011, p. 21) foca-se no: “[...] universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.”. O método aplicado foi baseado na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão harmonizando os instrumentos: análise de dados secundários, entrevistas semiestruturadas, questionários e capacitações ou cursos continuados, promovendo assessoria organizacional participativa em regime de alternância, focada no fortalecimento e desenvolvimento da juventude, na produção orgânica e de base agroecológica, para fortalecer a inclusão social e produtiva de jovens agricultores. Os dados da pesquisa foram coletados no decorrer do projeto e os participantes ao aceitarem participar do mesmo também assinaram um termo de consentimento concordando com a pesquisa. Foi assegurado a todos eles a não obrigatoriedade de sua participação e permanência no mesmo, de acordo com o prescrito na Resolução nº 510/CNS/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo por meio dos procedimentos éticos a privacidade, o sigilo e a confidencialidade na preservação de qualquer informação obtida durante o processo de coleta de dados.

Algumas das metas do projeto, para os participantes, eram: Elaborar projeto de melhoria de renda ou projeto produtivo com foco em agroecologia, podendo ser agrícola ou não agrícola; participar, mensalmente, dos encontros de formação para embasamento teórico e prático a serem realizados aos sábados; entregar relatório/memorial descritivo das atividades desenvolvidas em cada etapa para acompanhamento e avaliação, dentre outras. Destaca-se que o projeto produtivo seria orientado e acompanhado pela assessoria do projeto. Logo, os jovens participantes receberem capacitações teóricas e práticas envolvendo os temas: agroecologia, agricultura familiar, sustentabilidade, gestão de propriedades, metodologias participativas, tecnologias socioambientais, segurança e soberania alimentar, economia solidária, piscicultura de base ecológica, comunicação oral e escrita, além de orientações para implantar ou melhorar um projeto produtivo que trouxesse renda com sustentabilidade para ele e sua família. Os jovens também eram visitados, semestralmente nas propriedades, pela coordenação e assessoria do projeto, para monitoramento dos projetos produtivos e discutir os problemas, dificuldades, prioridades e estratégias de soluções para as atividades que os mesmos estavam desenvolvendo. Os resultados aqui apresentados são referentes ao acompanhamento de todos os participantes ao longo de dois anos e seis meses de projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando que os agricultores estão em uma transição, da agricultura convencional, para agricultura sustentável identificando-

se com o campo da agroecologia e os sistemas orgânicos de produção, criou a proposta de projeto para ser apresentada aos jovens agricultores dos assentamentos dos municípios de Presidente Médici e Nova Brasilândia do Oeste, a qual partiu do conhecimento local, respeitando e incorporando o saber popular e buscando integrá-lo com o conhecimento científico, dando lugar à construção e expansão de novos saberes socioambientais, alimentando assim o processo de transição agroecológica a ser enfrentado por eles. Neste sentido o projeto trabalhou no intuito de levar alternativas aos jovens a terem mecanismos para permanecer no campo. O apoio deu-se com informações nos encontros de formação, ou cursos continuados, sobre diversos temas já citados na metodologia, e nas informações para as formas de produção agroecológica de alimentos básicos, hortas e pomares ecológicos, criação de pequenos animais, cuidados das áreas de preservação, proteção da paisagem, etc. A figura (1a) ilustra a realização de um dos encontros de formação sobre agroecologia. Nos encontros de formação um especialista apresentava o tema e a partir da exposição eram desenvolvidas com eles práticas agroecológicas, como por exemplo, preparar adubo orgânico, conforme ilustrado na figura(1b). Da mesma forma eram criados momentos de trocas e diálogos entre todos os participantes, exemplificando a figura (1c) mostra os jovens em um momento de discussão a respeito dos eixos temáticos: Recursos naturais e atividades produtivas nas propriedades, na oficina de um dos encontros (LEITE et al., 2019). Neste dia, baseado nas discussões sobre os eixos temáticos, os participantes fizeram um planejamento detalhado de como intervir na propriedade, pensando na sustentabilidade e na geração de renda.



Figura 1. (a) Jovens participando do encontro de formação do projeto, (b) realizando prática, e (c) planejando as intervenções na propriedade

Foi apresentado aos jovens que práticas agroecológicas não são apenas plantar sem produto químico, ela pode também está ligada a processos ou formas de ações sociais, culturais, políticas e outras. É um conjunto de ideias que representam comportamentos e alternativas ao modelo convencional, conforme defendido por Gliessman (2000), Guzmán (2001), Caporal e Costabeber (2004) e Machado (2013). Equivale a resgatar valores e estar sempre em busca de mais saúde e qualidade de vida. São maneiras de produzir sem agredir o meio ambiente, respeitando o solo, os animais, a natureza e o próximo. Ou seja, é um modo de produção sustentável que proporciona saúde a todos, troca de conhecimento, geração de renda e sustentabilidade. Nesta perspectiva um dos objetivos propostos era a implantação de projeto de melhoria de renda ou projeto produtivo com foco agroecológico, o que possibilitaria aos jovens, além dos benefícios citados anteriormente, acessar os mercados institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, assim como, outros mercados privados. Desse modo, dentre os projetos produtivos agroecológicos implantados pelos jovens, destacam-se: suinocultura; horticultura; piscicultura; granjas; plantio de maracujá, café, banana e mamão; criação de gado leiteiro e de corte. Salienta-se que estes projetos produtivos viabilizaram para muitos deles acesso aos

mercados institucionais, como PAA e PNAE, contribuindo para a melhoria de renda e a permanência na propriedade rural. Portanto, a título de exemplo cita-se a participante MA a qual entregou, desde a criação do projeto produtivo, os produtos agroecológicos procedentes da horta para o PAA e PNAE, além de também vendê-los semanalmente na feira. Outros membros do projeto que comercializaram os produtos no PAA foram o GE, que vendia frutas provenientes do pomar, e o LO que vendia hortaliças. Salienta-se que foi utilizado sigla ao mencionar os participantes para não identificá-los. Lembrando que outros integrantes do projeto, do mesmo modo, comercializaram seus produtos em programas institucionais, os anteriormente citados foram apresentados no intuito de ilustrar. Tais projetos proporcionaram aos jovens agricultores independência financeira, fortaleceu a inclusão social e produtiva e resultou na autonomia e protagonismo juvenil. Faz importante realçar neste projeto o protagonismo das mulheres reforçando o papel especial na construção da agroecologia e da garantia de renda familiar (LEITE et al., 2020).

Era incentivado, nas formações e nas visitas de acompanhamento aos jovens, a diversificação das culturas, policultivos, para promoção da biodiversidade, consequentemente alcançarem uma propriedade mais sustentável com maior produção e renda para a família, assim como assegurado por Machado (2013). É consenso que as famílias da agricultura familiar têm por finalidade, também, obter renda a partir das atividades produtivas, as quais devem ser pautadas pela policultura. Esta situação possibilita outra condição importante que é a soberania alimentar, onde a dieta básica, calórica e proteica, é suprida com alimentos cultivados dentro de suas propriedades. A vista disso encontrou no projeto jovens agricultores familiares com soberania alimentar, os quais obtinham da propriedade basicamente todo o alimento necessário para subsistência. Outro fato observado pelos pesquisadores é que uma das causas que vem desestimulando os jovens da agricultura familiar a permanecerem no meio rural é que os mesmos trabalham na propriedade ajudando aos pais, mas não recebem pelo serviço para atender as suas necessidades pessoais. Muitos pais também não aceitam as ideias dos filhos na execução de atividades na propriedade para geração e melhoria da renda, caracterizando a falta de confiança e autonomia, desestimulando os jovens a permanecerem na propriedade rural.

Por esses motivos, e por falta de expectativas, muitos deles acabam migrando para a cidade para trabalhar e estudar buscando outras formações e a não permanência no meio rural, tendo em vista a ideia de que nas grandes cidades existe facilitação da vida em comparação ao campo. Esta não é uma realidade apenas de Rondônia, Luz (2011) também encontrou esta situação no Rio Grande do Sul. Da mesma forma, Zago e Bordignon (2012) verificaram que este fenômeno vem ocorrendo nas diversas regiões do Brasil, desde Nordeste ao Sul do país. Assim como percebido em um estudo publicado por Troian e Breitenbach (2018) onde resgataram pesquisas brasileiras sobre jovens rurais. Deste modo, fica evidenciada a necessidade de inclusão destes jovens nas dinâmicas de trabalho das propriedades, nas tomadas de decisões sobre a produção e organização financeira, igualmente como defendido por Kusniewski, Seganfredo e Borba (2019). Drebes (2014) em seu estudo onde objetivou analisar se, as alterações provocadas pelo projeto de juventude rural do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR) favorecem a permanência dos jovens no meio rural ou, a partida destes para o meio urbano, concluiu que a partir de 2006 os projetos acompanhados pelo CEDEJOR passaram a ter outros campos de possibilidades, sendo que essa expansão do campo de possibilidades beneficiou a migração dos jovens para o meio urbano.

No entanto, no projeto de Rondônia a partir da assessoria do mesmo e acompanhamento aos jovens juntamente com seus pais, dos estudos proporcionados pelos encontros de formação e os diálogos em casa, os rapazes e moças dos assentamentos começaram a observar uma melhora neste sentido, pois os pais passaram a ouvi-los e aceitar as opiniões deles para melhoria da renda com sustentabilidade, além de apoiarem a implantação do projeto produtivo agroecológico o que permitiu a permanência deste jovem na propriedade. Para isto o

projeto capacitou os jovens assentados para uma boa gestão de suas unidades produtivas, bem como para produção por meio dos princípios agroecológicos, incentivando-os a permanecerem no seu meio promovendo desenvolvimento sustentável com geração de renda e com qualidade de vida, acrescenta-se a formação para organização e liderança, investindo na educação como meio de acesso as políticas públicas, evitando assim o êxodo rural. Neste seguimento Marinho et al. (2018) encontrou algo semelhante com o curso de extensão “Juventude Rural: fortalecendo a inclusão produtiva na Zona da Mata e Brejo Paraibano”, o qual também trabalhou na capacitação de jovens para que eles contribuíssem para um desenvolvimento agrário sustentável nas comunidades, assentamentos e acampamentos.

O curso de extensão na Paraíba, mencionado anteriormente, impactou os jovens de forma positiva e eles passaram a enxergar seus territórios por um olhar mais crítico, o que proporcionou aos rapazes e moças verem todo o potencial econômico de suas comunidades, inibindo assim, a vontade de migrar para a cidade por falta de oportunidades e lhes permitindo o poder de escolha entre o ficar e sair. Portanto, os cursos de extensão da Paraíba e de Rondônia edificaram a permanência do jovem na propriedade familiar com propostas agroecológicas. Como dito por Caporal (2013), a agroecologia se consolida como enfoque científico na medida em que este novo paradigma se nutre dos saberes e conhecimentos dos próprios agricultores para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas mais sustentáveis, mas também processos de desenvolvimento rural mais humanizado. Seguramente todos os envolvidos no projeto afirmaram que a renda financeira aumentou depois que saíram da agricultura convencional e começaram a produzir e comercializar os produtos orgânicos no PAA, PNAE, nas feiras e outros mercados. Eles comentavam e comentam alegremente como a vida deles melhorou após aderir aos orgânicos, não só a parte financeira: “Hoje eu não tenho apenas uma horta sem veneno, tenho também novos valores, mas qualidade de vida para mim e minha família e produtos saudáveis aos nossos consumidores” comenta uma jovem. Dessa forma os autores entendem que o projeto auxiliou na promoção dos sistemas orgânicos de produção e de base agroecológica com geração de renda, tendo como proposição a prática e a expansão da agroecologia nos territórios de Rondônia e no bioma Amazônico. O projeto também favoreceu o desenvolvimento local/regional em bases sustentáveis apoiando processos de economia popular e solidária possibilitando a permanência do jovem na propriedade familiar.

Considerações Finais

O projeto capacitou os jovens assentados para uma boa gestão de suas unidades produtivas, bem como na produção por meio dos princípios agroecológicos, o que possibilitou alcançar as metas como a implantação de projetos produtivos com foco agroecológico. Tal fato incentivou os jovens a permanecerem no seu meio promovendo desenvolvimento sustentável com geração de renda e qualidade de vida. Acrescenta-se a situação, a formação para organização e liderança, investindo na educação como meio de acesso as políticas públicas, evitando assim o êxodo rural. Na avaliação do projeto e nas considerações, dos cursistas, colocadas nos relatórios os mesmos foram unânimes em assegurar que sim o projeto correspondeu às expectativas, pois segundo eles adquiriram novos conhecimentos, transformaram-se em pessoas melhores, as formações ajudaram na execução das atividades com sustentabilidade na propriedade, aprenderam a planejar e gerir as propriedades, conseqüentemente aprimoraram a renda da família, tornaram participativos em casa e na comunidade e descobriram como solucionar os problemas de maneira adequada. Em suma, as atividades privilegiaram o resgate dos saberes endógenos, a construção compartilhada de conhecimentos em ATER para agroecologia, o fortalecimento da cidadania, a inclusão socioproductiva, o acesso às políticas públicas e oportunidades para a melhoria da vida no campo de juventudes rurais, além de incentivar a permanência do jovem no seu território, pois o projeto mostrou maneiras e possibilidade de continuar na propriedade gerando renda e bem-estar. Assim sendo, os autores enfatizam a importância de

projetos como estes serem desenvolvidos e atenderem os agricultores de outras localidades como mecanismos para permanência na propriedade familiar.

Agradecimento: Agradecimento ao financiador Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERENCIAS

- ABREU, Lucimar Santiago; BELLON, Stéphane; BRANDENBURG, Alfo; OLLIVIER, Guillame; LAMINE, Claire; DAROLT, Moacir Roberto; AVENTURIER, Pascal. Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafio atuais em torno dos princípios da agroecologia. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Paraná, v. 26, p. 143-160, 2012. Editora UFPR.
- ALTIERI, Miguel Angel. *Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 5ª ed. Porto Alegre: UFRGS. 2008. 120 p. Disponível em: https://arca.furg.br/images/stories/producao/agroecologia_short_port.pdf. Acesso em: 12 de dez. 2020.
- ALTIERI, Miguel Angel. *Agroecology: The science of sustainable agriculture*. 2nd ed. New York: CRC Press, 2018.
- BRÜSEKE, Franz Josef. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTE, C. (Orgs). *Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável*. 5º ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009. 29 p.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER/IICA, 2004.
- CAPORAL, Francisco Roberto. Em defesa de um plano nacional de transição agroecológica: Compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações. In: SAUER, Sérgio; BALESTRO, Moisés Villamil (orgs). *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 328 p.
- DREBES, Laila Mayara. Projeto de juventude rural, campo de possibilidades e migração: um estudo documental do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR). *Revista Monografias Ambientais - REMOA*. Santa Maria, v.13, n.5, dez. 2014, p.4087-4098.
- GLIESSMAN, Stephen Richard. *Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre, UFRGS, 2000.
- GLIESSMAN, Stephen Richard. *Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável*. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GLIESSMAN, Stephen Richard. *Agroecology: ecological processes in sustainable agriculture*. Chelsea: Ann Arbor Press, 1997.
- GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. In: *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v. 2, n. 1, jan/março. 2001, p. 11.
- IFOAM - Internacional Federation for Organic Agriculture Movements. *Whyorganic? The four principles*. 2020. Disponível em: <https://www.ifoam.bio/why-organic/shaping-agriculture/four-principles-organic>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- KARAM, Karen Follador. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004.
- KUSNIEWSKI, Fernanda Paula Piran; SEGANFREDO, Kátia Aparecida; BORBA, Maude Regina de. Agroecologia e educação do campo: meios de promover a permanência do jovem no campo? *Geografia Ensino & Pesquisa*, vol. 23, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/rt/printerFriendly/31991/html>. Acesso em: 12 março 2021.
- LEITE, Eliane Silva; BERTÃO, Ana Paula da Silva; FREITAS, Clodoaldo de Oliveira; SANTOS, Ailton Nunes; MENEZES, Fábio Assis de. Reflexões e perspectivas dos jovens rurais do projeto agroecológico e cidadão da juventude dos assentamentos na Amazônia. In: *Meio Ambiente, Sustentabilidade e Agroecologia 3*. Tayronne de Almeida Rodrigues, João Leandro Neto, Dennyura Oliveira Galvão (Orgs). Ponta Grossa (PR): Atena. 2019.p. 142 - 147.

- LEITE, Eliane Silva; FREITAS, Clodoaldo de Oliveira Freitas; COLOMBO, Grecica Mariana; FEITOSA, Heidiane Nascimento. Agroecologia e a geração de renda: O protagonismo das jovens mulheres nos assentamentos da Amazônia. *In: Biodiversidade, meio ambiente e desenvolvimento sustentável*. Frederico Celestino Barbosa (Org). 1ª ed. Piracanjuba(GO): Conhecimento Livre. 2020, p. 891 - 898.
- LOURENZANI, Wagner Luiz. Gestão Integrada da Agricultura Familiar. *In: Gestão integrada da agricultura familiar*. Hildo Meirelles de Souza Filho e Mário Otávio Batalha (Orgs). 1º reimpressão. São Carlos:EdufsCAR, 2009. 77 p.
- LUZ, Rudson Luís da Rosa. Seguir ou não na atividade agrícola? Um olhar sobre as perspectivas dos jovens rurais de Quaraí-RS. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Guarai, RS, 2011.
- MACHADO, Luis Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luis Carlos Pinheiro. A dialética da agroecologia. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014. 356 p.
- MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro. As necessidades humanas, os saberes, a utopia: A agroecologia, os cerrados e sua proteção. *In: SAUER, Sérgio; BALESTRO, Moisés Villamil (orgs)*. Agroecologia e os desafios da transição agroecológica. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 328 p.
- MARIANI, Cleide Mary; HENKES, Jairo Afonso. Agricultura orgânica x agricultura convencional: Soluções para minimizar o uso de insumos industrializados. *Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental*. Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 315 - 338, out. 2014/mar. 2015.
- MARINHO, Andreza dos Santos; NERO, Joana D'Arck Pê de; FERREIRA, Maria Dinaiza de Lima^{1,4}; FILHO, William Novaes de Oliveira; SILVA, Luana Patrícia Costa; ARAÚJO, Alexandre Eduardo de. As possibilidades construídas a partir do Residência Jovem na Paraíba: entre a migração e a autonomia. *Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – vol. 13, nº 1, Jul. 2018*.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). PESQUISA SOCIAL: Teoria, método e criatividade. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MOLINA, Manuel González. Las experiencias agroecológicas y su incidencia en el desarrollo rural sostenible. La Necesidad de una agroecológica política. *In: SAUER, S.; BALESTRO, M. V. (Orgs)*. Agroecologia e os desafios da transição agroecológica. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 328 p.
- NAVARRO, Zander. O mundo rural no novo século (um ensaio de interpretação). *In: VIEIRA FILHO, J. E. R.; GASQUES, J. G.; DE CARVALHO, A. X. Y. (et al.)*. Agricultura, transformação produtiva e sustentabilidade. Brasília: IPEA, 2016. 391 p.
- PÁDUA, José Augusto (orgs). Seminário preparatório ao Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro nos dias 27 e 28 de julho de 2001. Rio de Janeiro agosto de 2001.
- SANTOS, José Ozildo dos; SANTOS, Rosélia Maria de Sousa; FERNANDES, Almair de Albuquerque; SOUTO, José da Silva; BORGES, Maria da Glória Borba; FERREIRA, Reginaldo Tácio França Vieira; SALGADO, Alberto Bandeira. Os sistemas alternativos de produção de base agroecológica. *Revista ACSA - Agropecuária Científica no Semiárido*. Campina Grande, v. 9, n. 1, p. 01-08, jan - mar, 2013.
- SCHMITT, Claudia Job. Transição agroecológica e desenvolvimentos rural: Um olhar a partir da experiência brasileira. *In: SAUER, S.; BALESTRO, M. V. (Orgs)*. Agroecologia e os desafios da transição agroecológica. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 328 p.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. *INTERAÇÕES*, Campo Grande, MS, v. 19, n. 4, p. 789-802, out./dez. 2018.
- TRUJILLO-ORTEGA, Laura Helena. Ecología política de desarrollos sostenibles. *In: SAUER, S.; BALESTRO, M. V. (Orgs)*. Agroecologia e os desafios da transição agroecológica. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 328 p.
- ZAGO, Nadir; BORDIGNON, Cristina. Juventude rural no contexto da agricultura familiar: Migração e investimento nos estudos. IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1096/707>. Acesso em: 16 jul. 2020.
